
EL MINA

José Luiz Pereira da Costa
1998

O irmão mais velho segurou firme o pulso de Tupinambá, envolvendo-o apenas com os dedos polegar e indicador, ambos formando um círculo, como uma algema, impedindo-o de movimentar-se além dos limites da força do opressor. A diferença de idade entre os dois era, então, fantásticos cinco anos. Francisco já estava no ginásio. Tupinambá recém ouvia conversas de que, no ano seguinte, iria para o primário do colégio público da zona onde moravam. Jardins de infância seriam algo que tempos vindouros, de mulheres trabalhando fora de casa, iriam determinar. A diferença desses poucos anos era o bastante para que Francisco, um defensor do irmão nas rusgas de rua, fosse um companheiro para conversas e brinquedos nos dias de chuva, quando ficavam retidos em casa. Da mesma forma, para transformá-lo, comumente, em cobaia de suas descobertas e experimentos.

Foi extremamente desagradável, como sempre, ver-se imobilizado. Era uma reação que externava com intensidade. Sentia-se mal e começava a espernear, a agredir o irmão mais velho, até ver-se livre do simples aprisionar de seu pulso.

Francisco já conhecia bem a reação e, de tempo em tempo, quando queria azucrinar o caçula da casa, aprontava situações como essa. Para ele, era uma brincadeira sem maldade, e a resposta do irmão se apresentava como algo normal. Não havia com o que se preocupar. Era como atucanar as pessoas porque lhe parecia agradável observar suas contrariedades.

Para Tupinambá, entretanto, era diferente. Ele sentia, no ato de ter retido seu movimento, algo muito desagradável, contra o que tinha de lutar. E essa reação é que teria estimulado o irmão a atazaná-lo, de tempos em tempos. Tivesse ele, na primeira oportunidade, aceito o cerceamento com naturalidade, tudo teria passado. Sucede, entretanto, que o natural, o normal, para ele, era se opor, resistir, da forma que podia. A objeção indignada, sofrida mesmo, levou o irmão a provocá-lo outra e outras vezes. A vida, mais adiante, viria a ensinar-lhe algo, talvez a partir desse episódio com seu irmão: nunca teve um apelido consistente entre os moleques de seu universo, tampouco nos colégios e universidade, mesmo no quartel. Não que tivesse ficado imune a um ou outro apodo — não, sucede que os ignorou, gerando o desestímulo dos alcunhadores. Mas como ignorar, como ter um comportamento racional, tratando-se de um menino de seis anos de idade?

Foram alguns segundos, os do padecimento de Tupinambá, na algema que lhe parecia prender a respiração. Era como buscar o calor da coberta no frio do inverno, tapando a cabeça, mas despertando assustado, quase asfíxiado. Viu-se livre, como o fazia, no meio da noite gelada, tirando da cabeça, num arranco, o cobertor que lhe parecia tomar o fôlego, e correu para perto da mãe, sem, entretanto, se queixar do irmão. Detestava a ação dele, mas era, apesar da idade, capaz de julgar serem melhores os momentos de seu cotidiano convívio, recheados de bons folguedos, do que algumas demonstrações de poder e força do companheiro mais velho. Tupinambá repassava mentalmente fragmentos da infância distante, agora, sentado no piso frio de um elevador, completamente às escuras, no subsolo do prédio principal do campus da Universidade onde leciona como destacado professor de entomologia, na Faculdade de Agronomia.

Houve, primeiro, o deslizar do elevador, mansamente escorregando sem controle, passando, a luz de sinalização dos andares ainda acesa, pela porta derradeira, aquela ao rés-do-chão. Depois, sobre uma mola, a cabine afundou provocando um ruído de metal contra metal, para subir de volta, antes agitando-se levemente. Teve a impressão de que ela desceu ao fundo, de novo, ali ficando, imóvel. Então, as luzes morreram: as da cabine, instantaneamente. A da régua mostradora do número dos andares, que assinalava, então, SS, parecendo alimentada por uma bateria, foi murchando pouco a

pouco, fazendo o ambiente mergulhar no escuro completo, apenas, momentos depois. O instante seguinte foi de perplexidade. De incompreensão. Afinal, elevadores são máquinas feitas para fazerem pessoas subirem e baixarem, sem que estraguem. Há um pacto de confiança entre usuário e a máquina, fazendo com que aquele entre na caixa de metal pensando nas mesmas coisas de que se ocupava, quando a porta se abriu e ingressou no ascensor. Não ocorre uma mudança de pensamento, passando, cada vez, todo o dia, o usuário a conjecturar, parado à frente da porta, botão apertado, esperando a chegada do elevador, se ele despencará ou não no poço que o escraviza.

A total compreensão de que estava aprisionado dentro de um elevador fê-lo gritar por socorro; chutar a porta. Feriu-se e esmurrou, então, a cabine. Machucou-se, igualmente. Parou para absorver as dores no pé e nas mãos. Sentiu que suava. E o suor era frio. Uma gota solitária escorreu de sua axila, deslizando pelo tórax, para morrer, gelada, na altura do antebraço, provocando-lhe um arrepio desagradável. Teve, então, a sensação de que o ar iria acabar. Lembrou-se, no momento, que possuía pulmões e que estes funcionavam prescindindo de qualquer comando do seu consciente. Apesar disso, temeu que eles pudessem parar de funcionar. Respirou fundo e, nesse mesmo instante, assustou-se com outra constatação: seu coração galopava, ressoando em sua garganta, num acesso de taquicardia. Deu-se conta, enfim, de que iria sucumbir. O pensamento da morte próxima também somou-se ao conjunto de angústias que o levaram ao pânico. A possibilidade real, algo perverso dentro de si lhe dizia, estava ali, depois de tanto esforço, na iminência de tudo perder: o sucesso, profissional e familiar.

Um lampejo de equilíbrio apareceu e ele diminuiu as manifestações de descontrole. Constatou, racionalmente, que suava muito. Novos clarões de lucidez, em intervalos que aumentavam, como ondas cíclicas, levaram-no a entender que não adiantaria nada insistir na agressão à porta e paredes do elevador. A decisão de sentar-se no chão foi decorrência de uma grande vaga de autocontrole.

Acomodado no piso, as costas apoiadas no banquinho usado pelo ausente ascensorista, foi sentindo que o ressoar na garganta do batimento cardíaco desapareceu; e que, apesar de enfiado na caixa de metal, pobre em aeração, o suor já não era tão abundante. Estava, enfim, menos agitado; ansioso, sim, por ser libertado.

Na idade em que estava agora, tinha conseguido superar vários problemas que o afligiram em momentos diversos de sua vida, resistindo sempre a uma voz interior que o indicava um psiquiatra. Amigos com histórias similares tinham-se refugiado na assistência de um desses médicos. Assim como recordava, preso no elevador, histórias antigas com seu irmão, como a das algemas — viu-se tranquilo o bastante, ali no fundo do poço, para compreender a evolução que tivera, de assumido nictofóbico, acrofóbico, hipsófobo, claustrofóbico; enfim, portador desses e de outros medos, até aquele instante, quando se materializava, num domingo, praticamente sozinho num prédio imenso, uma das possibilidades mais angustiosas, das que sempre imaginou iria um dia lhe ocorrer.

Havia chegado aos quarenta anos, apenas na expectativa, é verdade, do malfadado dia em que ficaria preso num elevador; ou que teria escapar de um incêndio num edifício alto, usando uma escada Magirus; ou ter de livrar-se, usando as mãos, de uma cobra, venenosa ou não.

Parecia uma obsessão. Imaginava o desconforto da prisão no elevador, com outras pessoas também ansiosas, a reclamar pelo conserto do aparelho. A falta de um antecedente fazia com que imaginasse tudo como o cinema mostrava, ou seja, pessoas tensas, porém, charmosas, num ambiente bem iluminado. Assim que, quando se deparava, em prédios antigos, com elevadores que não se conformavam ao modelo cinematográfico, a angústia vinha à pele, que se eriçava toda.

Quieto, no escuro, passavam-lhe pela mente três momentos de descontrole, semelhantes ao que tivera poucos instantes atrás.

Quando ainda menino, nos pós-guerra, atracaram no porto navios da Marinha do Brasil. Eram destróieres, fragatas, contratorpedeiros, corvetas e submarinos. — Eles não são grandes como os dos filmes, registrou com certo desapontamento, falando com o irmão Francisco, referindo-se aos submarinos. Os nossos submersíveis, então, constituíam-se em sobras da guerra de 1914, muito menores e mais rudimentares, naturalmente, do que as belonaves da Segunda Guerra.

A cidade, tinha-se a impressão, havia se deslocado toda para conhecer aquelas fantásticas armas de guerra, vistas antes apenas nas fotografias de jornais, no *O Cruzeiro* e nos informativos cinematográficos, das matinês de domingo, como o *Les Actualités Françaises*, os jornais da tela, da Metro, Paramount e Fox, com seus narradores famosos, Ramos Calhelha, Luiz Jatobá e Dias Leme. Ou nos muitos filmes, com estrelas do primeiro naipe, que, viria saber depois, se constituíam em peças do esforço publicitário de guerra do governo americano.

No cais do porto, filas enormes — as primeiras de que participava; chamavam-nas bichas, em tempos quando entrar nos lugares dava-se na base do empurrão e da esperteza — organizavam milhares de pessoas que desejavam entrar nas embarcações. Saíam de uma e entravam noutra. Foi uma festa para Tupinambá conhecer, cavalgar, mesmo monstros bélicos adormecidos. Tupinambá via-se sentado no banco de uma metralhadora giratória, fazendo cuspir fogo, exatamente como nos filmes, contra os japoneses escondidos nas ilhas do Guaíba, ali à frente. Da metralhadora foi para o canhão e fê-lo troar, na mesma direção, atingindo postos de combate nas mesmas ilhas. Como imaginava, nas sessões das matinês, foi vagando de um para outro armamento, de um para outro vaso de guerra, até que, não sabendo nem como, viu-se, no turbilhão da visita, dentro de um submarino.

Não teve como retornar, tamanha a quantidade de gente que havia à frente e, principalmente, atrás de si. Uma onda de calor engolfou-lhe, dando a impressão de que sugara todo o oxigênio de que necessitava para respirar. O ar fresco da rua, cuja existência era ignorada, afinal era tão natural quanto respirar, coisa que se faz sem pensar, ceder lugar a um profundo odor de óleo quente, tornando o ambiente abafado, sufocante. Insistiu em voltar, mas não pôde. Os olhos daqueles que o circundavam estavam embevecidos demais na novidade daquele conjunto de máquinas, comandos, agulhas, botões e mostradores, para darem importância à angústia de um menino apavorado. Tentou gritar qualquer coisa, mas a voz não lhe saiu da garganta. Empurrado, de forma irreversível, foi sendo tragado pela baleia de metal, o que o fez sentir-se tal qual Jonas, como aparecia na gravura de um Evangelho ilustrado da editora católica FTD.

Noutro retrospecto, não era mais o menino no navio. Era o homem de trinta e cinco anos, que amealhara recursos para viajar com a mulher e filhos, em férias pelos Estados Unidos. Na visita indefectível à Estátua da Liberdade, inventara de escalar o interior do monumento, para atingir a parte mais alta, onde está a tocha. Começou a galgar a escada em espiral, o que foi, ao mesmo tempo que consumindo suas reservas de oxigênio, minando sua musculatura sem preparo físico pela vida sedentária. Como no submarino da infância, a escada parecia não ter volta. Teria que chegar muitos metros acima, já sem fôlego e sem força nas pernas, que, a mais, lhe doíam à impotência de erguê-las para vencer um novo degrau. Viu-se numa angústia tão terrível, como a claustrofobia pode gerar a quem a possui. O quadro era terrível, porque faltava tudo: ar, forças e, fisicamente, era impossível fazer uma multidão, que vinha atrás de si, retroceder. Tinha que chegar ao cume, mas se lhe faltava tudo, como iria fazê-lo? No desespero quis voltar, mas, carrancudos turistas — africanos, europeus, asiáticos, de todo o mundo, enfim — não deram espaço; a bem da verdade, não havia espaço para ser dado.

A propalada eficiência dos americanos, todavia, apareceu como uma balsa de salvamento. Quando tudo parecia perdido, e a taquicardia, supunha, o levaria a um insulto cardíaco, viu um desvio, como de trem em certas estações que ficam à margem da linha principal. Escapou para ali. Era a conexão com o caminho dos que, vitoriosos, desciam do acme.

Agora sua companhia era o silêncio profundo, naquele poço de elevador. Ainda, a escuridão que o impedia de certificar-se, outra vez, de que não estava cego — como fazia algumas vezes, buscando no escuro de seu quarto uma claridade qualquer, vinda de uma soleira, da fresta da veneziana, deixando traspasar a claridade da lua. Deu-se conta de que tinha um relógio de bateria e apertou um botão que iluminou tibiamente o mostrador. Mas foi o bastante para tranquilizá-lo: as horas que mostrava não eram o fato mais relevante; importante era a certeza de que podia ver.

Alguns remanescentes de seus antigos temores ainda espreitavam seus caminhos, mas nada era como outrora. Fora capaz de racionalizar coisas e, se não ficara completamente curado das fobias, pelos menos conseguia conviver com elas, quando ocorriam.

Já não mais se atava à cama com um barbante, que cuidadosamente levava em suas viagens, quando tinha que se hospedar em pisos muito altos dos hotéis que freqüentava. "Louco de amarrar", falou para si mesmo, no escuro e no silêncio, e deu uma nervosa gargalhada.

Sentia-se seguro de que, se num pesadelo, ou num dos ímpetos de sonambulismo, muito marcantes de sua meninice, tentasse mover-se fora da cama, em direção à janela, seria, não mais pelo seu falecido pai, devolvido à cama, mas pelo tranco que o cordão lhe daria. Nunca o barbante o fisgou, acordando-o — recordava agora, em meio às dificuldades que, brandamente, começavam a reaparecer, passadas mais de duas horas que estava preso no elevador.

dois

Tupinambá não conseguia entender a razão por que estava todo encolhido, experimentando não o frio seco, típico do inverno no sul do Brasil, como naquela manhã de domingo, que acabara preso num elevador de sua escola. Sentia, sim, um frio úmido e um forte odor de maresia, mais acentuado do que encontrava, no inverno, em sua casa de verão, à beira-mar. Suportava um tipo de frio que, costumavam dizer, penetrava até os ossos do corpo. Estranhou mais ainda quando passou a mão pelo piso, à volta de onde estava sentado, sentindo-o de pedra irregular, com um pouco de areia fina, gélido, aquoso. Seus sentidos aguçaram-se, sobremodo, pela incapacidade de entender o que estava ocorrendo. Vacilante, pôs-se de pé, quase caindo ao chão, por não encontrar apoio na parede do elevador, cuja distância de seu corpo havia memorizado. A parede não estava no mesmo local. Esforçou-se por tocá-la, mas rodopiou, em busca ansiosa. Desejava compreender o que estava ocorrendo. Viu-se no chão, ainda outra vez, e parou para organizar os pensamentos. Um cheiro intenso começou a sobrepor-se ao de maresia e mofo. Não precisou muito tempo para sentir-se enjoado e identificar do que se tratava: era de fezes humanas. Apesar do conflito de informações que chegavam a seu cérebro, discrepantes de sua realidade, conseguiu manter-se calmo. O silêncio em que mergulhara, no ventre do elevador, começou a ser rompido com um ruído a se repetir ciclicamente. Algo que ia e vinha: ondas que se quebravam numa praia. A atenção redobrada, identificou, noutro quadrante, o barulho do mar a chocar-se contra algum obstáculo. O pânico não havia se instaurado em seu sistema. Pelo contrário, vivia um momento de grande curiosidade, com o raciocínio funcionando como nos melhores dias, desejoso de entender o que estava ocorrendo. E ali estava o escuro, quase como um elemento físico, como a única coisa aparentemente imutável desde que mergulhara com o elevador, no poço de seu vai-e-vem.

— Mar, aqui? — Formulou para si mesmo a indagação.

Ergueu-se de novo, lentamente, de forma a conseguir manter-se de pé, sem o apoio da visão. A escuridão era tão densa, absoluta, que mudou de idéia e sentou-se de novo. Sentiu um prazer, no desconforto da insólita situação, ao constatar que agia com calma e que iria resolver o problema em seguida.

Passados alguns instantes, desde que se sentara de novo, organizando o conjunto de informações táteis, olfativas e auditivas, estas trouxeram-lhe um novo e perturbador dado: passou a ouvir não o gemido de uma, mas de diversas pessoas. A lamentação foi ganhando intensidade e volume. Tinha a impressão de que um grupo de pessoas, por alguma razão, externava um padecimento coletivo. Em seguida, ainda outro dado, este da cadeia olfativa, surpreendeu-o sobremodo. Era o cheiro de corpos cobertos, seguramente, de camadas de suor acumulado ao longo de sabe lá quanto tempo sem se lavarem. O odor da carência de banho foi penetrando ativo, intenso e rápido em Tupinambá, fazendo-o ter uma náusea.

Como poderia entender tudo aquilo, num espaço de tempo, aparentemente, tão pequeno? Estava na sua escola; viu-se enclausurado num ascensor e, como num passe de mágica, um mundo de coisas incompreensíveis passaram a caber dentro do mesmo elevador.

Foi, inesperadamente, tocado por uma mão fria e suada, o que lhe provocou um calafrio, somatório do inopinado toque, com as condições de ambiente que enfrentava naquele momento: frio e umidade. Enrijeceu os músculos, como que se defendendo da abordagem, fazendo a pessoa que o procurara retroceder em sua iniciativa. Como o escuro era absoluto, ficou Tupinambá aguardando o que iria ocorrer a seguir. Seria procurado ainda outra vez e por quem? A angústia durou poucos instantes, que lhe pareceram uma eternidade, agora, como ao constatar-se preso no elevador, suando muito. Ele podia sentir pequenas gotículas de humor escorrendo especialmente de sua axila esquerda. Experimentava, igualmente, o suor espalhado pela testa e pelas faces. Suava, contudo, pelo calor no ambiente, não por estar nervoso.

A mão incógnita voltou a tocar a costa de sua mão direita, espalmada sobre a pedra fria, do piso onde se acomodara. Ao mesmo tempo sentiu o penetrante cheiro de suor, o que fez corporificar-se alguém a seu lado, do qual, contudo, era incapaz de ver, sequer, a cintilação dos olhos ou um reflexo nos dentes. Aos componentes daquele irrealismo havia se somado agora o calor que o corpo irradiava, gerando como que uma auréola térmica, que adentrava no corpo de Tupinambá, em estado de desconforto, transmitindo-lhe uma sensação desagradável. Faltava, para uma completa materialização daquela imagem, naquele universo, de alguma forma de luz, uma claridade qualquer. Como a do relógio digital de seu pulso. Mas o relógio não estava mais ali, sumira, sem que a constatação do inusitado desaparecimento lhe gerasse qualquer perplexidade. Não podia, pois, iluminar o mostrador e ganhar um brilho qualquer, como fizera instantes atrás - teria sido, realmente, pouco antes? Quanto tempo, enfim, teria passado, indagou-se, ficando sem resposta.

Tupinambá viu-se, a seguir, espectador de um teatro do absurdo, quando os dois vultos que o cercavam iniciaram sussurrando um diálogo quimérico. Ela, indagando se o rei estava dentre eles. O homem, respondendo que o rei havia escapado e que em seu lugar trouxeram um irmão mais velho, pensando ser aquele o monarca.

Falar em reis naquele local e tudo de forma difícil, num português trôpego e anacrônico, sentido já na dúzia de palavras que usaram os dois para externar seus pensamentos, exacerbou a confusão vivida por Tupinambá. Decidiu-se por perguntar a qualquer dos dois, dirigindo-se em verdade a esmo, onde estava. Sua pergunta, entretanto, caiu no vazio. Não obteve qualquer tipo de contestação. As duas pessoas, sim, prosseguiram, passados alguns instantes, com pequenas trocas de informação. Eram indagações que, saciadas por um ou outro, levaram aos poucos Tupinambá a uma crescente compreensão do mundo em que estava. Houvera um guerra, entendeu. O homem e a mulher que o ignoraram, mas que se comunicavam entre si, eram do lado dos perdedores. Ambos haviam perdido irmãos e, o homem, um filho na batalha. Outro, de uma série de arrepios, correu por todo o corpo de Tupinambá, quando ouviu uma referência, de profunda mágoa, vinda do homem, ao referir-se a brancos.

Não tendo conseguido comunicação com os entes que o cercavam, resignou-se em ouvir suas lamúrias e histórias. Imaginava, já agora — mas pelo imenso absurdo que a idéia representava para ele, negava-se aceitá-la — o local onde se encontrava. E o desenho de cada um dos pontos que iriam compor, enfim, o painel onde se inseria, metodicamente se materializavam.

Nos silêncios que se faziam entre um e outro comentário do homem e da mulher, Tupinambá aguçou a audição, detendo-se nos ruídos do ambiente. Os gemidos, vindos de todos os cantos, como em uma enfermaria de guerra, tornavam a idéia do ambiente à sua volta algo tétrico. As eructações, flatulências e o ruído de evacuações incontidas sugeriam o caos. Choro, choramingos, lamentos, prantos, soluços, corpos arfando, ofegantes, compunham a miséria dos seres que não via, apenas sentia-os. A mais, de quando em quando, fazia-se o ruído ríspido, de algo rijo, feito em metal, roçando com a pedra do piso.

A mulher retomou a murmurante conversa com o homem, externando sua apreensão com a saúde da filha, recém saída do ritual de iniciação da puberdade. Teve ânimo para, ao recordar, externar a seu companheiro de jornada detalhes da festa de sua filha e das amigas dela, todas em condições de encontrarem maridos e gerarem os netos que as novas avós desejavam ajudar a criar.

Mas tudo tinha sido interrompido tão bruscamente. As hostilidades dos reis. As intrigas das cortes. A guerra, que se repetia, nas histórias dos velhos, de tempos em tempos. Poucas eram as gerações que nasciam e morriam sem terem sofrido uma guerra. Fazia parte do ciclo de vida.

Os homens seguiram para a guerra e morreram muitos; muitos foram feitos prisioneiros. Estes e as mulheres haviam sido vendidos para os traficantes de escravos.

Fez-se um clarão, imenso. Tupinambá ficou cego, por um grande período de tempo. Completamente atordoado, seus sentidos como que entraram em colapso. Não ouvia, via ou sentia qualquer coisa. Sentiu-se deitado no chão, na posição fetal, a proteger-se fosse do que fosse. E assim, sentindo-se abrigado, como ao tempo em que era gerado no interior de sua mãe, manteve-se quieto.

Dos sentidos, o primeiro que voltou foi o do olfato. O cheiro à sua volta era o de madeira e de graxa. Passou a ouvir; e os sons, abafados, eram os de relés sendo acionados. De olhos fechados sentiu a claridade passando por suas pálpebras. Abriu-as com imensa curiosidade. Vendo-se no elevador da Faculdade, em movimento, ergueu-se de um pulo.

Logo a seguir, o bedel à porta, perguntou:

— Doutor, tá tudo bem?

Atônito, mas confiante, disse que sim e tratou de ir embora.

três

Cinco anos se passaram do dia em que se tornou prisioneiro no elevador da escola. Nesse período, sua biblioteca foi progressivamente recebendo obras relativas ao tráfico de escravos. Comprava-as, muitas, em suas viagens. Em Londres deliciou-se com as livrarias e sebos na área de Charing Cross, onde adquiriu livros de raro valor cultural e técnico. Recebeu outras, através de contatos com colegas de magistério, residentes no exterior. Em cinco anos passou a ter uma excelente seção, dentre seus livros didáticos, voltada para aquilo que se constituía em nova paixão.

Então o destino, incorporado num de seus trabalhos científicos, que foi parar em Gana, fez-lhe chegar às mãos o convite da FAO para ir proferir uma série de conferências na Escola Técnica de Agricultura de Cape Coast, na, outrora, Costa do Ouro.

Chegou numa tarde de sábado em Acra, quando o céu, parecia, se preparara para recebê-lo, oferecendo-lhe um espetáculo fantástico: milhões de borboletas esvoaçavam umas, estertoravam outras e morriam muitas, por toda a parte; algo que conhecia de seus livros, mas que nunca antes presenciara. Era um evento natural, comum naquela região, em certa parte do ano. Teve de caminhar, maravilhado e incomodado, esmagando esses insetos, que formavam um tapete espesso a estender-se do interior da estação de passageiros até a rua, onde embarcou, os sapatos impregnados da massa informe que esmagara, no carro que transportou o entomologista para o hotel.

Seus anfitriões organizaram, já para o domingo, um passeio fora da capital.

A excursão, rotineira para os agrônomos que o recebiam, tinha por alvo a agradável costa marítima do país. Como acolhiam um brasileiro, incluíram no grupo Isaac Ephson.

Seguiram em direção ao Mina.

— À Mina? — Indagou Tupinambá.

— Ao Mina! — foi enfático Ephson. E demonstrando o humor que possuía, e os conhecimentos de suas aulas, indagou ao brasileiro:

— Você não viaja, também, com a sugestão que Dom João, o terceiro, passou para Lopo Soares?

— E qual foi? — indagou um Tupinambá sestroso, cercado de novos e, parecia, formais colegas.

— Diz a história, começou a explicar Ephson, que saindo de férias o auxiliar e amigo do monarca, ao despedir-se, beijando-lhe a mão, ouviu o comentário real que lhe dizia: "Soares, estou te mandando para a *mina*. Não sejas tolo a ponto de voltar de lá ainda um homem pobre".

Tupinambá riu por cortesia. A repetição da história, entretanto, para os locais teve efeito hilariante. O conto, em verdade, encerrava parte da amargura com que gerações de africanos viram a presença dos europeus em suas terras. E o historiador queria que o brasileiro se associasse a esse sentimento. Ephson, um historiógrafo, juntou-se ao grupo de agrônomos especialmente para tornar agradável a excursão com o professor brasileiro.

Antes de saírem da capital, rumando para a costa atlântica, passaram em frente ao Castelo de Christiansborg, transformado em sede do Governo do país, e ao Forte de Ussher, ambos construídos pelos holandeses, na segunda metade do século dezessete. Ussher, hoje com o nome francês de Crève-Coeur, é uma casa correcional.

Ao longo da costa, Ephon foi mostrando e descrevendo, com detalhes, o rastro deixado por portugueses, franceses, ingleses e holandeses, na defesa, cada um a seu turno, das terras das quais se apoderaram. Passaram por seis castelos, trinta e quatro fortes e vinte e quatro estalagens — ou as ruínas que deles ainda restam —, parte do sistema implantado pelas potências colonialistas, de defesa, contra outros europeus, das riquezas que alternadamente espoliavam.

Cruzaram por Cape Coast, local onde Tupinambá iniciaria, já na segunda feira, suas conferências. Ali estava, desde 1662, o forte que deu nome ao local. Transitaram apenas ao largo desse castelo, deixando para que, se desejasse, o visitasse noutra oportunidade, haja vista que estaria na pequena cidade por algum tempo.

No começo da tarde, viram desfilar uma miríade de vilas de pescadores. Fizeram várias paradas para tomarem água-de-coco e para os professores comprarem, à margem das estradas, coisas como caranguejos, vendidos em pencas, laranjas, bananas-da-terra, enormes, em cachos, e até um preá morto. Ingressaram num vilarejo, e Tupinambá, boquiaberto, foi vendo o carro afastar uma multidão, que se deslocava pelo meio da rua, seguindo um féretro. Homens levavam nos ombros, e sobre a cabeça, perseguindo o ataúde, caixas de bebidas. Moviam-se todos no ritmo que impunha uma banda de metais e percussão.

Chegaram ao que pareceu ser um braço de mar, transposto por uma ponte de madeira, por sobre a qual passaram com seu automóvel.

— Estamos em Elmina — o Mina, esclareceu Ephon.

As leituras de Tupinambá não permitiram que a informação fosse uma grande surpresa, senão a oportunidade de ver o local de origem da expressão que tanto ouvira — negros minas.

Os portugueses, explicou Ephon, ao edificarem o portentoso castelo — ponto de trasbordo de seus navios, que vagavam pelo mundo, trilhando os caminhos que os navegadores lusos iam desbravando — tinham por objetivo maior recolher, da região, o seu ouro. E nada como construir algo grandioso, digno da então potência Portugal, capaz de espantar a cobiça dos seus rivais europeus. Ergueram, pois, o castelo de São Jorge da Mina, que veio a se transformar, na troca de donos — holandeses, a seguir, e ingleses por último — no *Elmina Castle*. A composição ibero-saxônia deu nome ao povoado de pescadores que, com o mar e o córrego, envolvem o forte.

Tupinambá ouviu histórias, como a da última noite que Pedro Álvares Cabral passou em terra, ali no castelo, antes de chegar às costas americanas e descobrir o Brasil.

Como um menino extasiado, Tupinambá foi passando de uma para outra câmara; de um refeitório para um dormitório; de norte para sul; da base ao topo.

— Este é onde Cabral dormiu. — Disse Ephon com entusiasmo.

Passou por prisões, solitárias, praça-d'armas, cantinas; examinou instrumentos de tortura, dentre eles grilhões e suas bolas, que se amarravam aos tornozelos dos escravos. Gostou de ser fotografado simulando estar cativo de uma das pesadas esferas de ferro carcomido, a ela ligada por numa corrente intensamente oxidada. Permitiu-se ser fechado num cubículo de tortura, sem luz e quase sem ar, para sentir ele próprio reações que outros seres, séculos atrás, haviam experimentado. E não entrou em pânico, esmagando sua claustrofobia latente. As mãos que o fecharam no escuro, em instantes voltaram a abrir a cela onde se metera. Gentes, cheios de explicações, os professores — cada um escolhendo certo detalhe — externavam seu pesar pelo que os europeus haviam imposto aos africanos.

Então aconteceu.

Foram uns poucos minutos, o tempo em que os agrônomos ganenses deixaram o colega brasileiro sozinho num imenso salão. De pé direito elevado, contava, em alguns pontos, quase encostados ao forro, respiros que deixavam entrar limitada porção de ar. No chão, valetas que corriam em todo ambiente, consituíam-se, um dia, em canais de coleta e drenagem da urina e fezes líquidas. Ainda no piso, o que sobrava de grilhões de ferro que o tempo, a maresia e a pilhagem não haviam consumido. O salão contava com duas portas, apenas: entrada, uma, ensinaram-lhe. A outra era a do caminho sem volta. Desembocava, essa, num embarcadouro por onde, arrastando suas correntes e vendo lançado ao mar o que sobrava de sua dignidade, adentravam os tumbeiros.

Tupinambá via o salão, desta feita ajudado pela iluminação fraca que a saída para o mar, hoje sem porta, permitia, deixando passar uma claridade em tons de púrpura, de um sol que se punha. As sombras,

esparramadas pelo chão, davam uma dimensão irreal aos poucos objetos que interferiam no caminho da luz. Tupinamba era representado por uma longa, esguia e estática imagem, tal qual ele próprio se postava naquele momento, quieto e meditabundo.

Aí, fez-se real, por completo, nos matizes de preto e cinza, o painel que sua imaginação, cinco anos atrás, reunindo pontos isolados, compôs: as pedras do chão eram as mesmas que suas mãos tatearam séculos atrás; o ruído do mar, quebrando na costa e chocando-se contra as paredes do Elmina, era o mesmo ouvido pelas sucessivas gerações que por ali passaram, quase todos oprimidos pelo medo do desconhecido, pela angústia do estarem sozinhos e pela sensação onipresente da iminência de perderem tudo. Seu olfato, que, do passado, apenas registrava o odor da maresia e mofo, era incapaz de encontrar rastros do cheiro das pessoas que não mais se encontravam ali. Veio, todavia, de memória, como numa lufada única e terrível, o cheiro horripilante de humanidade. O homem e a mulher, que nunca os viu, sentiu-os intensamente, como então. Suas vozes plangentes vieram à sua mente, naquele instante, de um passado remoto, mas não imemorial. Iluminou-se em Tupinambá um detalhe.

Compreendeu, no momento em que seus colegas retornavam para encaminhá-lo a outro sítio do castelo, que o homem e a mulher, de seu encontro fantástico, cinco anos atrás, falavam exatamente como faziam, na sua infância, dois velhinhos com quem, embora tenha convivido pouco, o marcaram sobremodo: seus longevos bisavós.

Fim

O fato: Fiquei, em 1977, por acidente, preso por quinze minutos numa das celas do Castelo El Mina.